

OS ESPAÇOS NO EGITO ANTIGO

JOSIANE GOMES DA SILVA¹

Abordagem teórica

Para as análises do Papiro Erótico de Turim e as demais fontes serão utilizados alguns conceitos importantes, que servirão como espécies de “lentes” em que faremos as leituras destes documentos arqueológicos. Como já vimos um dos nossos interesses em estudar o Papiro, é transformá-lo em uma fonte principal do tema deste trabalho. Proporcionando-lhe outras funcionalidades e mais importância no meio acadêmico. Pois consideramos que este artefato histórico pode nos fornecer várias informações sobre a sociedade que o criou, e não apenas visto pelo viés sexual e erótico como tem sido trabalho ao longo do tempo.

A temática que abordaremos neste trabalho envolvem os conceitos de espacialidades, e a partir deste conceito chave discutiremos outros conexos que serão permeados pelo termo espaço. Dentre estes demais conexos destacaremos o espaço das representações; o espaço cotidiano, e dentro dele o espaço interno e externo; e o espaço do corpo. O conceito de espaço que irá envolver os demais conceitos será do livro “A produção do Espaço” do autor Henri Lefebvre.

Para Lefebvre quando o espaço que ele denomina de “espaço social” interfere no modo de produção, pelo mesmo motivo, este espaço se altera com esse modo de produção! O autor quer dizer que a espacialidade se altera de acordo com as sociedades. Sendo assim, “há uma *história do espaço*. (Como do tempo, dos corpos, da sexualidade etc.). História ainda por escrever”². É e justamente estas história dos espaços que ainda estão a serem melhores exploradas que pretendemos abordar nesta pesquisa, como o espaço das representações, do cotidiano, corpo, sexualidade etc.

Seguindo esta linha de pensamento do autor, entendemos que o conceito de espaço contempla não somente a espacialidade geográfica, mas sim os aspectos mentais e os

¹ Mestranda-PPGH UFRN

² LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. p. 6.

culturais, os sociais e os históricos. Fazendo-nos compreender uma nova complexidade: “*descoberta* (de espaços novos, desconhecidos, continentes ou o cosmos) - *produção* (da organização espacial própria a cada sociedade) - *criação* (de obras: a paisagem, a cidade como a monumentalidade e o *décor*)”³. E nestes pontos que tentaremos observar com as análises no do Papiro Erótico de Turim, atrelado a outras fontes. O perceberemos novas espacialidade tais como o espaço das representações do cotidiano, do sexo ou do corpo, como poderíamos estudar a noção de espaço egípcia? Como seria a organização deste espaço, mental, religioso, cultural etc. são estas discussões e questionamento que traremos aos documentos.

Outro pensamento interessante que podemos verificar é que para se perceber a organização espacial faraônica, faz-se necessário estudar como estes antigos criavam o seu espaço, e isto notaremos presentes nas representações iconográficas como no caso do papiro. Ou seja, podemos notar a organização espacial egípcia através de suas criações de artes, mentais, monumentais etc. Lefebvre afirma que toda sociedade elabora seu próprio espaço⁴, o autor reafirma isto quando ele comenta que:

*A Cité antiga não pode ser compreendida como uma coleção de pessoas e coisas no espaço; ela não pode mais ser concebida a partir de um certo número de textos e discursos sobre o espaço, ainda que alguns dentre eles, como o Crítias e o Timeu, de Platão, ou o livro A da Metafísica aristotélica, forneçam conhecimentos insubstituíveis. A Cité teve sua prática espacial; ela modelou seu espaço próprio, isto é, apropriado. Daí a exigência nova de um estudo desse espaço que o apreendesse como tal, na sua gênese e em sua forma, com seu tempo ou seus tempos específicos (os ritmos da vida cotidiana), com seus centros e seu policentrismo (a ágora, o templo, o estádio etc.)*⁵

³ Idem, p.6.

⁴ LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. p. 34.

⁵ Idem, p. 34.

Trazendo este seguimento para o Egito antigo, mas especificamente para a vila de Deir el-Medina, lugar este que já foi mencionado neste capítulo, e que terá o segundo capítulo somente para o estudo de seu contexto histórico. O espaço de Deir el-Medina não poder estudado apenas como uma lugar habitado pelos artesões que trabalhavam nas tumbas no Vale dos Reis, mas sim como um lugar onde ocorriam as suas práticas cotidianas em que esta sociedade constrói o seu próprio espaço.

O Espaço egípcio

Apesar de alguns egiptólogos não concordarem com a existência do conceito de espaço no Egito Antigo, para o Ciro Flamarion Cardoso os egípcios tinham uma visão espacial do mundo. Mesmo não tendo este termo abstrato de espaço, pois através da observação mítica, podemos ver uma amostra de espacialidade. Por exemplo, no Mito de criação, o qual o Deus Rá em momento de ação de demiurgo teve um espaço para isso. Outro exemplo pode ver nos textos que descrevem a cidade Per-Ramsés, elaborada pelo faraó Ramsés II, vemos uma clara divisão de um espaço religioso, além de capital e centralizadora do espaço do cosmo⁶.

Outro exemplo citado que podemos verificar uma concepção espacial, esta presente em vários textos, como a que aparece no “Livro da Vaca do Céu⁷”:

Então este deus (Ra) disse a Nut: “Eu me coloquei em tuas costas para ser elevado: e então?” Assim ele disse, e Nut tornou-se o céu. (...) Então a majestade desse deus olhou-a e ela disse: “Transforma-me em uma multidão!” E (as estrelas) vieram a

⁶ CARDOSO, Ciro; OLIVEIRA, Haydée (orgs.). **Tempo e espaço no Egito Antigo**. Niterói-RJ: PPGHistória-UFF, 2011. p. 64.

⁷ Livro da vaca do céu temos, portanto, a descrição de sucessivas intervenções criadoras (pela palavra) de Ra, cujo resultado final é: a topografia do mundo como o vemos; adicionalmente, o mundo inferior dos mortos (aqui simbolizado pelo Campo de Hotep); e o início da navegação celeste do Sol ponto de partida do tempo cíclico (neheh). Com efeito, o texto descreve, a seguir, a barca solar, com Ra em seu interior, navegando no céu. (CARDOSO, 2011, p. 70).

existir. Então a majestade desse deus que ele viva, prospere e tenha saúde! disse: “Pacífico é o campo aqui!” E o Campo da Paz [Hotep] veio a existir. (...) Então Nut começou a tremer devido ao peso. Então a majestade de Ra disse: “Se eu tivesse os deuses Heh [oito deuses atmosféricos de Hermópolis] para sustentá-la!” E então os deuses Heh vieram a existir. Então a majestade de Ra disse: “Que meu filho Shu seja colocado sob minha filha Nut e me separe dos deuses Heh”...⁸

Neste fragmento de texto podemos observar a atividade do Deus Rá em que ele reordena o mundo após impedir o massacre o qual ele mesmo havia condenado os homens. Vemos aqui a separação do espaço dos homens, do espaço divino.

Saindo da concepção de espaço encontrados nos mitos cosmogônicos egípcios. Ciro nos mostra em sua obra sobre “Tempo e Espaço no Egito antigo”, outras ideias de espaço no Egito Antigo. Ele aponta para o espaço no mundo dos vivos⁹, em que os egípcios concebiam a sua civilização em dois, um duplo espaço. O Egito (Alto e Baixo), “Terra negra” e o deserto “Terra Vermelha”¹⁰, temos então aqui o que podemos entender de espaço interno e externo, conceito de espaço este que estudaremos dentro do conceito de espaço cotidiano e também no terceiro capítulo deste trabalho, fazendo correlação com as cenas do Papiro Erótico de Turim e as demais fontes. Podemos identificar passagens nestes documentos, que nos remetem, além de representações de espaço cotidiano, a presença de cenas referentes ao contexto interno e externo do Egito Antigo, no próprio papiro encontramos estes espaços.

Segundo o professor Ciro Flamarion o Egito (Alto e Baixo) significa o Egito do “*Espaço permanentemente ocupado*”, e a área do Deserto que é a “Terra Vermelha” ele descreve como o “*Espaço esporadicamente Ocupado*”, pelas guerras militares contra inimigos do deserto; aqui vemos semelhanças comparáveis às representadas no Papiro Erótico de Turim, além das expedições para as pedreiras e minas no Sinai. O autor ainda menciona um terceiro espaço que ele denomina de: “*Espaço externo anexado pelas armas*”, como no caso

⁸ Iden, p. 70.

⁹ CARDOSO, Ciro; OLIVEIRA, Haydée (orgs.). **Tempo e espaço no Egito Antigo**. Niterói-RJ: PPGHistória-UFF, 2011. p. 71.

¹⁰ Iden, p. 72.

das conquistas da Núbia, temos algo semelhante nas imagens do papiro o qual podemos visualizar claramente cenas de guerra com bigas no Papiro¹¹.

No caso do “*Espaço Permanentemente Ocupado*” o autor também o caracteriza como o Egito cultivável, que era dividido em dois: a “Terra baixa” e a “Terra Alta”, nesta separação Ciro nos direcionam para dois espaços, o “rural/urbano ou cidade/campo”¹². Neste mesmo pensamento temos outro autor do livro Marcelo Campagno, egiptólogo que escreveu um dois vários artigos organizados por Ciro na obra já citada “Tempo e Espaço no Egito Antigo”, Campagno escreveu em seu artigo intitulado: “Notas sobre o Espacio, Tiempo y alteridad en el Antiguo Egipto”, a questão do espaço rural que também pode ser campesino e parental, sendo assim, podemos identificar o espaço aldeano através da linguagem dos hieróglifos, pois o determinativo representado um homem e uma mulher sentados, mais o sinal de traçado de plural, e para simbolizar o espaço urbano temos o hieróglifo de caminhos cruzados¹³, o autor explica que o espaço aldeão é formado pelas praticas de parentesco¹⁴, podemos perceber esta características na Vila Deir el-Medina em que seus habitantes, os artesão, são todos aparentados, nos aprofundaremos neste tema no segundo capítulo.

As Representações Espaciais

Um dos conceitos bastante utilizados neste trabalho é o termo representação, que trabalharemos como representações espaciais. De acordo com autor Lefebvre às representações de “relações de produção”¹⁵, se efetuam no espaço, e este espaço contém as representações nas arquiteturas, nos monumentos, nas obras de arte como pinturas e esculturas. Trazendo este entendimento para o contexto egípcio, percebemos que estas relações de produção mencionada por Lefebvre é produzida pelo o espaço social de uma

¹¹ Idem, p. 72.

¹² Idem, p. 76.

¹³ CARDOSO, Ciro; OLIVEIRA, Haydée (orgs.). **Tempo e espaço no Egito Antigo**. Niterói-RJ: PPGHistória-UFF, 2011. p. 28.

¹⁴ Idem, p. 29.

¹⁵ LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. p. 36.

determinada sociedade no caso egípcio podemos verificar sua “relação de produção” através de seu legado deixada em forma de cultural material, representados em diversos suportes, tais como ostracos e papiros.

Então compreendendo isso se faz necessário o estudo do conexo “representação”, para se aplicar ao Papiro Erótico de Turim e as demais fontes iconográficas, uma vez que estas contem as representações do “espaço social” egípcios da vila Deir el-Medina ou no contexto da Área Tebana.

Ainda sobre a questão de como as relações de produção pode ser apresentadas, Lefebvre toca em um ponto que nos fez muito sentido para as análises dos documentos imagéticos egípcios, que são os pontos sobre “As relações frontais” e “As relações veladas”¹⁶. O primeiro aspecto são as relações publicas, declaradas e codificadas, segundo o autor pode ser geralmente brutal, na realidade egípcias da antiguidade, também temos “as relações frontais” presentes em seus monumentos políticos, na arte religiosa, e oficial, representeadas nos templos, tumbas, palácios etc. Em relação ao termo “As relações veladas” Lefebvre as descreve como clandestinas, reprimidas, transgressoras¹⁷, aspecto este que nos remete as representações visualizadas nas cenas do Papiro Erótico de Turim, neste documento podemos visualizar tanto “As representações frontais” da arte oficial, por meio do estilo do cano egípcio; como também percebemos “As representações veladas”, pois o mesmo padrão estético da arte oficial fora utilizado para representar cenas clandestinas e reprimidas de pornografia, que podem está satirizando e/ou criticando aspectos do cotidiano egípcios da época. Isso nos mostra que, segundo o autor “As relações frontais, por conseguinte, geralmente brutais, não impedem completamente os aspectos clandestinos e subterrâneos; não há poder sem cúmplices e sem polícia”¹⁸.

Lefebvre descreve o conceito de representação em três formas: *As práticas espaciais*, *As representações do espaço* e *Os espaços representados*. Com relação ao primeiro item o

¹⁶ Idem, p. 35.

¹⁷ LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. p. 35.

¹⁸ Idem, p. 36.

autor revela que engloba o espaço de produção e reprodução de lugares específicos, ou seja, a realidade espacial de cada sociedade, que proporciona uma coesão ou espaço social. Esta coesão do espaço social também revela a relação de cada indivíduo de um grupo social ao seu espaço, cada espaço social é construídos pelas atividades e performances de seus membros¹⁹.

De acordo com o autor a prática social secreta o espaço das sociedades, gerando uma espécie interação dialética, pois para estudar esta interação, ou para descobrir *A prática espacial* de uma sociedade (egípcia) é necessário decodificar o seu espaço²⁰. É e justamente esta análise, do espaço egípcio, que faremos neste trabalho, compreendendo o espaço egípcio, poderemos observar outros espaços tais como o cotidiano.

Os próximos conceitos de representações destacadas por Lefebvre são fundamentais para nossas pesquisas, pois se enquadram nas análises de arte egípcia e principalmente em relação às imagens encenadas no Papiro Erótico de Turim e fontes afins. No papiro podemos encontrar a combinação entre *As representações do espaço*, e *Os espaços de representações* citadas pelo autor. Sobre a primeira Lefebvre destaca que estão ligadas aos “signos”, aos “códigos”, aos “conhecimentos”, são remetidos às relações frontais²¹ que já discutimos anteriormente. Em outras palavras se referindo à arte, seria a arte oficial, ao padrão estético utilizados em templos, palácio e tumbas pelos artesãos especializados do Egito faraônico.

Quanto ao tópico relativo ao “*Os espaços de representação*”, ele pode conter códigos ou não, com fortes cargas simbólicas complexas, de acordo com autor direcionado ao perfil, ele descreve como “clandestinas e subterrâneas da vida social”. Aqui podemos fazer uma correlação com o Papiro Erótico de Turim, uma vez que, este documento arqueológico “foge” aos padrões e temas oficiais, apesar de serem elaboradas com a mesma estética decorativas. Temos a relação com a arte, que pode ser identificada não como código do espaço, mas sim como código dos espaços de representação²².

¹⁹ Idem, p. 36

²⁰ Idem, p. 39.

²¹ Idem, p. 36.

²² Idem, p. 36.

“*Os espaços de representação*”, ou seja, é para Lefebvre o espaço *vivido* representado por meio das imagens e símbolos que os permeiam, sendo assim, o espaço dos “habitantes”, dos “usuários”. Nesta passagem o autor destaca que estes espaços pertencem aos artistas que “*descrevem e acreditam somente descrever*”: tais como os escritores, os filósofos, no caso do Egito Antigo, temos o espaço dos artesãos construtores das representações simbólicas. Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de representação tenderiam (feitas as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais.

O espaço cotidiano

Mais produtiva é a visão de Agnes Heller que, por sua vez, chama a atenção para as estruturas do cotidiano, o que considera “o mundo das objetivações”, dentro do qual se dão as ações cotidianas: a linguagem, o sistema de hábitos e o uso dos objetos e que representam o espaço de socialização dos homens, sobre o qual se acumula a cultura humana. Se é verdade que, para ela, essas objetivações possuem um caráter conservador e que o senso comum se reproduz de modo consuetudinário, através da repetição, do economismo, do pragmatismo, da imitação e da hiper-generalização, do cotidiano também podem surgir ações não cotidianas, criativas, inovadoras, sobretudo no campo das artes e das ações que quebram a rotina da vida²³.

Retiramos este conceito da obra “O cotidiano e a História” de Agnes Heller. Sobre este conceito comenta:

²³ GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2004, vol.24, n.48, pp. 13-38. ISSN 1806-9347. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882004000200002>. p.22.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade.²⁴

Relação do espaço cotidiano e sexo egípcio

O ato sexual para os antigos egípcios não era apenas um momento de prazer, mas sim a ação criadora, ato da origem da vida. Semelhante a outras religiões antigas, na crença egípcia os deuses faziam amor e sexo, sentiam o prazer sexual. Esse sentimento e o desejo pelo sexo e pela fertilidade era um dos vários elos que ligavam estas divindades ao homem que vivia na antiguidade egípcia. Os deuses egípcios se diferenciam do Deus cristão, não apenas pelo ato de fazerem sexo, mas também pelo prazer que demonstravam na ação da criação. Ou seja, na cosmogonia egípcia alguns deuses e os humanos foram criados através do ato sexual. De acordo com a religião, após a primeira morte a múmia teria no além a mesma vivência que tinha em vida, por isso a tumba do morto era decorado com aspectos do cotidiano, para que magicamente as ações representadas no seu túmulo acontecessem. É para ter vida no além o morto teria que ter sua fertilidade e os atos sexuais garantidos magicamente, como fez em sua tumba o faraó Ramsés IX na imagem abaixo, em que sua virilidade esta representada pelos falos eretos dos princípios masculinos, e a fertilidade representada pela mulher que é o princípio feminino.

²⁴ HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. ed. 8. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 31.

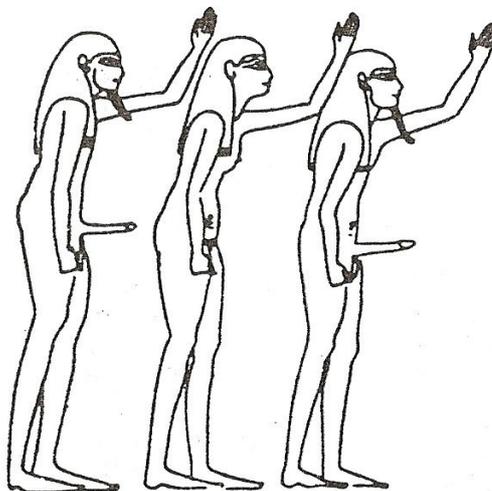


Figura 1: Reprodução do teto do túmulo de Ramsés IX. Novo Império.
Fonte: ARAÚJO, Luís M. *Estudos sobre o erotismo do Egito Antigo*.
2 ed. Lisboa: Colebri, 2000.

A infertilidade no cotidiano egípcio era algo bastante temido, tanto para os homens, quanto para as mulheres. Não ser fértil no Egito poderia levar a um divórcio ou anulação da união do casal. O homem não fértil ou impotente era algo muito grave, pois este ao morrer dependeria de um filho que perpetuasse sua memória, levando oferendas e fazendo ritos em sua tumba. Com estes procedimentos o morto não teria seu nome esquecido, pois só assim ele viveria no além, não teria o risco de passar por uma segunda morte, que era a morte do esquecimento de sua memória.

REFERÊNCIAS

ANTELME, R. S; ROSSIN, S. (1999). **Sacred Sexuality in Ancient Egypt: The erotic secret of forbidden papyrus**. Vermont: Inner Traditions International.

ARAÚJO, L. M. de. (1995). **Estudos Sobre Erotismo No Antigo Egito**. Lisboa: Colibri.

BAINES, John. (1996). **O mundo egípcio: Deuses, templos e faraós**. Madri: Edições Del Prado.

BOLLNOW, Otto Friedrich. (2008). **O homem e o espaço**. 9 ed. Curitiba: UFPR.

BRANCAGLION, Antonio. Jr. (2004). **Manual de Arte e Arqueologia do Egito Antigo II**. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional.

_____. (1999). *O banquete funerário no Egito Antigo – Tebas e Saqqara: tumbas privadas do Novo Império (1570-1293 a.C.)*. (Tese Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARDOSO, Ciro; OLIVEIRA, Haydée (orgs.). **Tempo e espaço no Egito Antigo**. Niterói-RJ: PPGHistória-UFF, 2011.

GRAVES-BROWN, Carolyn. (2010). **Dancing for Hathor: Women in Ancient Egypt**. New York: Continuum.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. ed. 8. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOULIHAN, P. F. (2001). **Wit & Humour in Ancient Egypt**. London: The Rubicon Press.

JODELET, D. (2001). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

MANNICHE, L. (1987). **A vida sexual no Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Imago Editora.

MYSLIWIEC, K. (2004). **Eros on the Nile**. Ithaca: Cornell University Press.

ROBINS, G. (1993). *Women in Ancient Egypt*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.